

## **Moderno Transcontinental: o Complexo Monteiro&Giro em Quelimane, Moçambique**

Ana Tostões\*, Maria Manuel Oliveira<sup>b</sup>

\*Arquiteta (ESBAL, 1982), historiadora da Arquitectura (UNL, 1994), Phd (IST-UTL, 2002)

Presidente Docomomo Internacional

IST, Av. Rovisco Pais, 1049-001 Lisboa, PT

tostões@civil.ist.utl.pt

<sup>b</sup>Arquiteta (ESBAP, 1985), PhD (UM, 2007), Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

## Resumo

Tendo em vista um melhor conhecimento e compreensão da *diáspora* do Movimento Moderno, mostra-se essencial revisitar, analisar e documentar o importante património Moderno edificado na África Subsaariana, onde, com intensidades diversas, o debate se verificou e os modelos arquitectónicos foram reproduzidos, (re)colocados, *resignificados* e sujeitos às metamorfoses suscitadas pelas geografias alémmar.

Com o objectivo de contribuir para a documentação, conhecimento e consequente preservação do património arquitectónico Moderno, o artigo debruça-se sobre o Complexo Monteiro&Giro, edificado na cidade de Quelimane, em Moçambique, projectado e construído a partir da segunda metade dos anos 50 do século passado. Neste caso de estudo destaca-se a *modernidade* dos seus programas arquitectónico, urbano e social e, também, a pesquisa formal e tecnológica que o fundamentou.

**Palavras-Chave:** Arquitetura Moderna, África, Património, Construção

## 1. A “África Portuguesa”, um *laboratório* de arquitectura

Simbolizando esperança num futuro democrático, os pressupostos formais, tecnológicos e ideológicos do Movimento Moderno começaram a revelar-se expressivamente em obras construídas na África Lusófona a partir de finais de 40. A Arquitectura Moderna era vista como uma forma de lutar contra o regime totalitarista do Estado Novo de Salazar e a sua afirmação revelava-se num compromisso que pretendia não só resolver o problema da habitação como ampliar a sua acção para o desenho da cidade e para o planeamento do território.

Este ciclo Moderno teve lugar no contexto de uma política internacional muito contestada<sup>1</sup> e do tardio processo de industrialização do país e das colónias. A ênfase colocada nas infra-estruturas de grande escala foi acompanhada por uma expressão *moderna*, agora renovada sob a influência brasileira após a publicação do *Brasil Builds* (1943) e da grande difusão das obras sul americanas<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Depois da II Guerra, a orientação da política colonial portuguesa deve ser entendida sob a intensa pressão das Nações Unidas. Tentando mitigar essa crítica, a ditadura procurou, nos anos 50, formar a ideia de uma identidade lusitana usando, nomeadamente e como discurso de referência, o *lusotropicalismo* de Gilberto Freyre, o reputado sociólogo brasileiro.

<sup>2</sup> Philip Godwin; Kidder Smith, *Brasil Builds, Architecture Old and New*, MoMA, 1943. Seguem-se as monografias dedicadas ao tema: *L'architecture d'Aujourd'hui*, 13-14, Setembro 1947; *L'architecture d'Aujourd'hui*, 42-43, Agosto de 1952; Em Portugal: Vítor Palla, “Lugar da tradição”, *Arquitectura*, nº28, Abril 1949; “Arquitectura Moderna Brasileira (Exposição no IST)”, *Arquitectura*, nº29, Fevereiro-Março 1949; Rino Levi, “A arquitectura é uma arte e uma ciência”, *Arquitectura*, nº36, Novembro de 1950; Oscar Niemeyer, “Bloco de Habitações na Praia da Gávea”, *Arquitectura*, nº41, Março 1952; I Bienal de S.Paulo-Exposição Internacional de Arquitectura, nº41, Março 1952; *Arquitectura*, nº46, Fevereiro 1953; Lúcio Costa, “O Arquitecto e a sociedade contemporânea”, *Arquitectura*, nº47, Junho 1953; “O pintor Burle Marx e os seus jardins”, *Arquitectura*, nº52, Fevereiro/Março 1954; “Exposição de Arquitectura Contemporânea Brasileira”, *Arquitectura*, nº53, Novembro/Dezembro 1954; Silvio de Vasconcelos, “Arquitectura Brasileira Contemporânea”, *Arquitectura*, nº88, Maio/Junho 1965. Também a revista

Ao longo dos anos 50, muitos arquitectos que convictamente acreditavam na capacidade transformadora da arquitectura, viajaram para as colónias africanas - aí, a expressão arquitectónica era mais livre de se afirmar que na metrópole, onde o regime inibia a difusão da Arquitectura Moderna. Também as especificidades geográficas e climáticas promoveram diferentes sentidos para o vocabulário moderno, que adquiriu novas expressões e escalas<sup>3</sup>. Numa sociedade aparentemente menos restritiva, a *geração Africana*<sup>4</sup> partilhou a possibilidade de construir com base na universalidade do ideário *moderno*.

Envolvidos, frequentemente, em encomendas de grande escala e estimulados pela imensidão da paisagem africana, estes arquitectos puderam acreditar que estavam a construir um novo mundo que cumpriria os desígnios que reclamavam e os mergulharia na contemporaneidade. Na aventura do desenho e da construção, criariam a *Utopia Moderna* em África.

## **2. Losa & Barbosa: *construindo a modernidade***

Em Portugal, o pós-guerra confirmou a ruptura Moderna. No contexto do Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura (1948), o regime foi desafiado com os arquitectos a clamar pela adopção dos princípios do Movimento Moderno e a exaltar a importância

---

*Técnica* da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico : Aníbal S.A.Vieira, “Brasília, cidade modelo”, *Técnica*, nº287, Dezembro de 1958. E mais tarde diversos números da *Binário*: Luís Boróbio, “Arquitectura da America entre Câncer e Capricórnio”, *Binário*, nº12, Setembro 1959; Lúcio Costa, “Brasília, Capital do Futuro”, *Binário* (número monográfico dedicado a Brasília), nº22, Julho 1960; “50 Anos de Arquitectura Brasileira”, *Binário*, nº62, Março 1972.

<sup>3</sup> Ana Tostões, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Porto, FAUP, 1997.

<sup>4</sup> José Manuel Fernandes, *Geração Africana; arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002.

de uma resposta *racional e contemporânea* às questões da habitação e do planeamento urbano.<sup>5</sup>

Na cidade do Porto, Arménio Losa (1908-1988) e Cassiano Barbosa (1911-1999) distinguiram-se neste processo como notáveis projectistas, tendo protagonizado uma significativa intervenção urbana. Manipulando modelos importados desenvolveram inovadoras propostas arquitectónicas em termos de imagem, espacialidade e organização funcional, sempre acompanhadas por um rigoroso domínio do detalhe e das tecnologias construtivas<sup>6</sup>.

O projecto Monteiro&Giro (M&G) para Quelimane, em Moçambique, foi elaborado a par e no seguimento de outros projectos e obras com grande significado para a arquitectura portuguesa moderna<sup>7</sup> e os ensinamentos recíprocos são evidentes, testemunhando uma trajectória conceptual que adquire progressiva segurança no desenho.

---

<sup>5</sup> A análise dos artigos aí apresentados revela o tema da “Utopia da Arquitectura transformando a vida e a sociedade” como sendo o mais comum entre as 35 teses: a transformação do mundo exigia a participação dos arquitectos e parecia não só possível como alcançável. O arquitecto adquiria, assim, um eminente papel social, excedendo o seu canónico domínio de actuação. Expressando uma postura fortemente crítica, Arménio Losa afirmou aí que: “O País marcha na retaguarda das nações... Terá pois de apressar-se para conquistar melhor posição na marcha do progresso... erguer-se-ão edifícios para o alojamento, a aprendizagem, a cultura e o recreio das populações atraídas pelas novas fontes da produção... existe em potencial a possibilidade de planear cidades novas, ou importantes conjuntos urbanos... O campo de acção do futuro é vasto, quase virgem... E o arquitecto será chamado... a sua colaboração será permanentemente reclamada...” (Arménio Losa, “A arquitectura e as novas fábricas”, Tostões(ed.), *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Teses*, Lisboa, OA, 2008 [1948]: 127-128).

<sup>6</sup> *A exemplaridade de uma arquitectura desassossegada e perturbadora, na procura de uma originalidade que não pura ressonância do que navegava fora...*, Manuel Mendes, *O nosso escritório. 1945-1957*, 2008.

<sup>7</sup> Referimo-nos, nomeadamente, aos edifícios da Carvalhosa (1945), da rua Sá da Bandeira (1946) e da rua de Ceuta (1950), no Porto.

As convicções políticas de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, expressas nas contribuições Losa para o Congresso, traduzem a profundidade do seu envolvimento cívico<sup>8</sup>. A sua actividade profissional deve ser analisada no âmbito deste espírito transformador, imbuído de justiça social e assente numa estrutura espacial desenhada para servir *não apenas um reduzido número de grandes senhores... [mas] toda a população, todos os indivíduos*<sup>9</sup>.

### **3. M&G, um conjunto inovador: a cidade e a fábrica**

O empório comercial Monteiro&Giro, com administração no Porto, detinha interesses em Moçambique de natureza diversa, entre a exploração de matéria-prima, a criação de gado e o cultivo de algodão e chá. Nos anos 50, a ideia de instalar a sede em Quelimane, cidade portuária que polarizava a actividade comercial da província da Zambézia - uma posição estratégica potenciada pelos negócios cada vez mais prometedores da colónia - conduziu à encomenda de um importante projecto de arquitectura ao atelier de Arménio Losa e Cassiano Barbosa (AL.CB). Pretendia-se que este edifício não só viesse a acolher as instalações da empresa, conferindo-lhe uma visibilidade que não possuía até então, como a permitir explorar outras frentes de negócio, nomeadamente na área turística<sup>10</sup> e imobiliária.

---

<sup>8</sup> Arménio Losa e Cassiano Barbosa envolveram-se, empenhadamente, na vida cívica, cultural e associativa do seu tempo, através de uma efectiva participação na Organização dos Arquitectos Modernos, no Sindicato Nacional dos Arquitectos e em revistas e exposições.

<sup>9</sup> Arménio Losa, “A arquitectura e as novas fábricas”, Tostões(ed.), *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Teses*, Lisboa, OA, 2008 [1948]: s130.

<sup>10</sup> A Zambézia, com uma extensa área de caça e uma costa com praias magníficas, apresentava-se com um enorme potencial turístico ainda por explorar.

Um desígnio desta natureza, ao implicar uma obra de uma escala urbana inexistente no norte de Moçambique, dotaria a pequena cidade de Quelimane de um dispositivo que marcaria indelevelmente o seu perfil, atribuindo-lhe uma vocação cosmopolita e *moderna*.

As dificuldades de ordem operacional eram evidentes: como construir um edifício desta dimensão em circunstâncias de isolamento e de ausência de mão de obra e matéria-prima? A descoberta de argila de excepcional qualidade nos arredores da cidade<sup>11</sup> contribuiu para a solução, alargando o horizonte do investimento e sugerindo a edificação de uma fábrica de cerâmica que faria o apoio, também, à construção do edifício em Quelimane.

O Complexo M&G é, assim, composto por dois projectos simultâneos que, embora autónomos, dependem intrinsecamente um do outro. Uma proposta cidadina e um conjunto industrial que invocam a densa urbanidade da *Unité d'Habitation* e o conceito da *Fábrica Verde* que Losa tinha, tão veementemente, defendido no Congresso de 48<sup>12</sup>.

Assumindo, aventurosamente, os riscos que a infinidade da *promessa* africana parecia à época justificar, ganha forma e estrutura-se, deste modo, uma ampla e estratégica visão

---

<sup>11</sup> Sob iniciativa do gestor de todo projecto M&G, o Eng. António Carlos Ribeiro da Costa (1928-), que detectou a existência da argila local, as pesquisas sobre as suas propriedades foram desenvolvidas em Itália, em Asti, nos arredores de Turim.

<sup>12</sup> Citando *Les Trois Établissements Humains*, AL defendia em 48 que “A fábrica não será de futuro o edifício negro e sujo... mas elemento precioso de valorização estética... As árvores, os jardins rodearão a fábrica, penetrarão mesmo nela. E o trabalho deixará de ser obrigatoriamente segregado, isolado da Natureza... A nova fábrica será a «fábrica verde».” (Arménio Losa, “A arquitectura e as novas fábricas”, Tostões(ed.), *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Teses*, Lisboa, OA, 2008 [1948]: 133-134).

de conjunto, só possível em lugares onde, na perspectiva eurocêntrica e Moderna, *quase tudo estaria por fazer*<sup>13</sup>.

### 3.1. O Edifício Chuabo, o pólo urbano:

Face à Catedral Velha, o *Chuabo*<sup>14</sup> implanta-se sobre a mais importante avenida de Quelimane, que corre paralela ao rio Bons Sinais. Assumindo uma ambição urbana colossal em relação à cidade, o edifício é expressão da *monumentalidade moderna*<sup>15</sup>.

Afirmando uma centralidade inquestionável apresenta-se como um quarteirão completo que, embora composto por blocos funcionalmente diversos, observa uma integridade formal notável. Constitui-se, de facto, como um edifício único que inclui quatro volumes diferenciados cujos usos que respondem às circunstâncias urbanas específicas das suas várias frentes.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> M&G é um exemplo, entre vários que se conhecem, e que foram implementados em escalas muito diversas. Vila Serra do Navio, na Amazónia, por Oswaldo Brathke, é talvez o paradigma da intervenção arquitectónica Moderna *ex novo*, exigida por razões de ordem empresarial e construída em condições de grande afastamento à tecnologia e à mão de obra qualificada.

<sup>14</sup> A palavra *Chuabo* designa o lugar e o dialecto local.

<sup>15</sup> J.L.Sert; F. Léger; S. Giedion, *Nine Points on Monumentality*, 1943; Sigfried Giedion, “The Need for a New Monumentality”, in Paul Zucker, *New Architecture and City Planning*, Proceedings, 1944.

<sup>16</sup> Marcando indelevelmente o *skyline* de Quelimane, só mais tardiamente, com a edificação do Banco Nacional Ultramarino (uma peça notável da autoria de Francisco José de Castro, apenas concluída em 1973), o Chuabo partilhou o protagonismo urbano que até aí tinha desfrutado isoladamente.





Fig. 1 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Chuabo, Quelimane, 1954-1968.

O edifício engloba um hotel de substanciais dimensões, instalado no corpo mais elevado do conjunto e na sua frente urbana principal, e três outros blocos que albergam habitação colectiva, comércio e serviços. Ocupando parte do interior do quarteirão e encerrando o seu topo norte, um volume diferenciado, com dois pisos, contém a garagem e uma estação de serviço, juntamente com armazéns de apoio às actividades desenvolvidas.

A encomenda feita em 1954 ao escritório AL.CB referia-se, no entanto, a um edifício compacto que resolveria, similarmemente, as várias frentes de rua. Mas logo nos primeiros

estudos os arquitectos avançaram com a proposta de um conjunto de volumes com diferentes alturas e dimensões, interrompidos nos cunhais e articulados pela massa ininterrupta dos dois primeiros pisos, onde se localizaria, predominantemente, o comércio e os escritórios.<sup>17</sup>

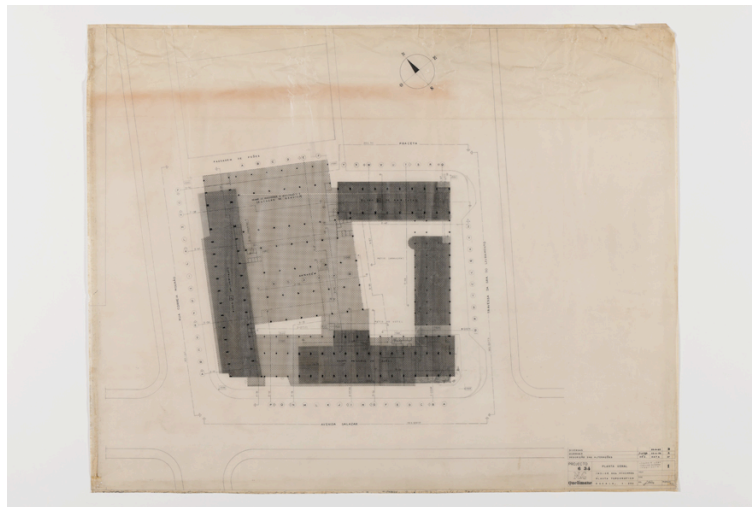


Fig. 2 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Chuabo, Quelimane, 1954-1968. Planta geral, Índice dos desenhos, Planta topográfica; Escala 1:200; n/ass., dat.: Março 56. Arquivo FAUP/CDUA/AL. Foto: Arménio Teixeira ©

Sedimentando o programa em camadas horizontais, o comércio (por vezes apoiado por um patamar intermédio que aproveita o elevado pé-direito) situa-se no piso de contacto com rua e o sector multifuncional no nível imediatamente acima; segue-se, nos andares

---

<sup>17</sup> Inicialmente desenvolvido ao longo de três lados, conformando um “U”, o edifício viu surgir um quarto lado, encerrando um grande pátio interior (onde se viria a localizar a garagem de serviço) quando, ainda no início do projecto, o cliente adquiriu uma nova parcela de terreno, facto que permitiu ao conjunto ganhar autonomia total em relação à envolvente.

superiores, a área residencial, organizada segundo várias tipologias que se repartem pelos três blocos<sup>18</sup>.

As galerias de distribuição, servidas nos topos dos blocos por caixas de escadas que os rematam, envolvem o pátio conectando todos os usos. Protegidas por *brise-soleil* que desenham e conferem coerência à fachada do interior do quarteirão, essas galerias funcionam como *ruas aéreas*, espaço colectivo que medeia o público e o privado.<sup>19</sup>

O hotel, com nove pisos, segue esquema similar de sobreposição funcional, propondo um átrio com duplo pé-direito, sobre o qual se dispõe uma *mezzanine* que o articula com as áreas sociais. O volume que lhe corresponde destaca-se no exterior do edifício, um corpo projectado sobre uma profunda pala que percorre a avenida marcando e protegendo as entradas do hotel, do bar e de um dos blocos laterais, constituindo um embasamento sobre o qual se destaca a massa dos quartos de hotel. O edifício remata no topo superior com um piso ligeiramente recuado onde se localizam a sala de jantar e a *boîte*, ligadas por uma extensa varanda que se abre sobre o rio e a desmesurada paisagem que rodeia a cidade.

---

<sup>18</sup> Denotando uma forte e directa influência pelos já referidos (nota4) edifícios projectados em período imediatamente anterior pelo atelier AL.CB, para o Porto.

<sup>19</sup> Restabelecendo o uso do pátio como elemento intrínseco e comum ao conjunto – e (re)interpretando, talvez, o seu significado na cultura tradicional africana (Udo Kultermann, *New Directions in Africa Architecture*, NY, 1969; Elleh Nnamdi, *African Architecture, evolution and transformation*, NY, 1997) –, a Memória Descritiva do Projecto (Março 1956) estipulava: *a cobertura da estação de serviço é destinada a parque infantil... dos blocos residenciais [de onde as famílias poderiam vigiar as crianças]... [sendo] o acesso a este recreio directo de cada bloco.*



Fig. 3 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Chuabo, Quelimane, 1954-1968 (Foto: Figueirinhas Correia)

Mas à aparente estratificação horizontal do edifício contrapõe-se uma vibrante espacialidade quando é lido *em corte*: o que deixa supor, aliás, que este é um projecto pensado nas múltiplas variantes da secção vertical que proporciona, tanto longitudinal como transversalmente. Face à relativa compacidade volumétrica que apresenta exteriormente, o edifício recorta-se quando é lido em perfil, todo ele trabalhado de forma a estabelecer tensões e equilíbrios perceptíveis a quem habita o espaço a partir do seu interior – reconhecendo-se aqui, também, a herança corbusiana.

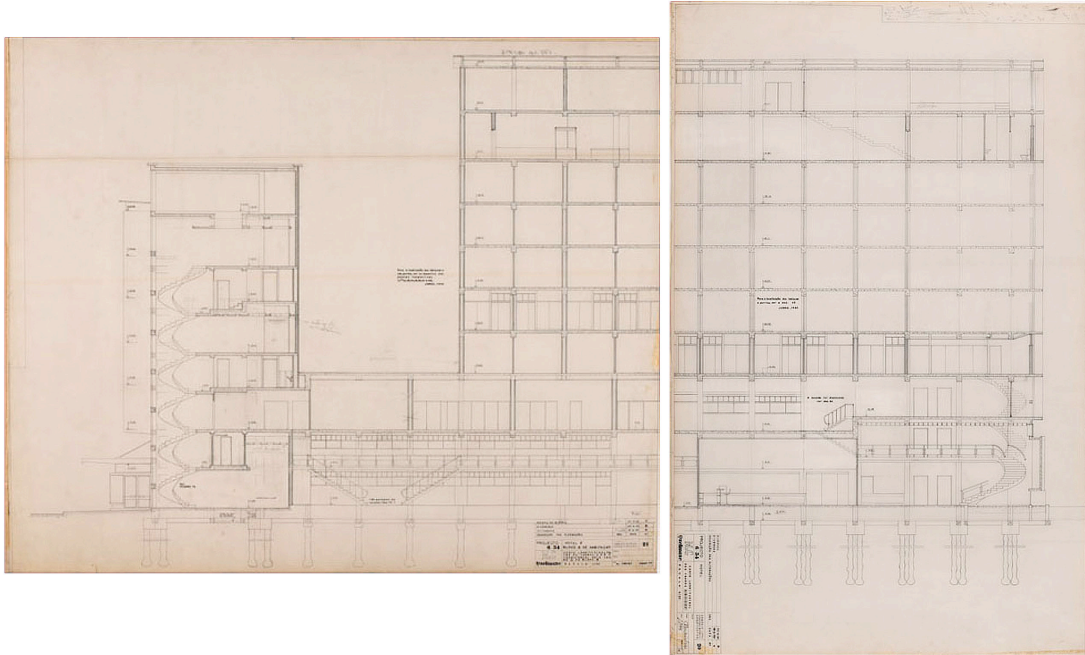


Fig. 4 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Chuabo, Quelimane, 1954-1968. Hotel e Bloco A de habitação, Corte longitudinal entre os tramos J e P e transversal pelo tramo A do Bloco A; Escala 1:50; n/ass., dat.: Março 56. Arquivo FAUP/CDUA/AL. Foto: Arménio Teixeira ©

Fig. 5 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Chuabo, Quelimane, 1954-1968. Hotel, Corte longitudinal dos tramos A B C D E F; Escala 1:50; ass., dat.: *Arménio Losa*, Março 56. Arquivo FAUP/CDUA/AL. Foto: Arménio Teixeira ©

Associadas à sua monumentalidade, a diversidade e a justaposição de tipologias activaram a concentração e a mescla de usos, intensificando a urbanidade do edifício e atribuindo-lhe, assim, um papel fulcral na configuração *moderna* da cidade.

O edifício do Chuabo mostrou-se, ainda, uma oportunidade para desenvolver um desenho de simbiose entre várias escalas e temas: os arquitectos criaram um design

global, que cruzou no projecto de arquitectura decisões de ordem urbanística com a concepção integral do mobiliário, não obviando a inclusão de obras de arte europeias e nativas – que podem ser apreciadas tanto no átrio de entrada<sup>20</sup> como no extraordinário fresco realizado por cinco artistas locais<sup>21</sup> que cobre a parede da *boîte* do Hotel Chuabo.

### 3.2. A *Cerâmica Montegiro*, o pólo industrial:

Localizado em Muirua, a cerca de 15 km de distância de Quelimane, o pólo industrial - implantado na proximidade do depósito de argila e estrategicamente adossado à linha do caminho de ferro – foi concebido como um conjunto de apoio directo às instalações fabris, uma vez que era necessário alojar os trabalhadores que prestavam suporte técnico à produção.

Planeado como uma estrutura organizada axialmente em torno de um arruamento que liga o exterior do terreno ao seu centro, este aglomerado compreende a fábrica de cerâmica<sup>22</sup>, um conjunto habitacional para trabalhadores e o respectivo equipamento colectivo. Deste, destaca-se a *messe*, um singular edifício que polarizava a vida social e providenciava refeições aos residentes. Os espaços exteriores, que previam jardins e

---

<sup>20</sup> Onde se encontra uma peça atribuída ao escultor José Rodrigues (conforme entrevista a engº Ribeiro Costa, Abril de 2011)..

<sup>21</sup> Estes artífices decoravam as paredes dos edifícios das aldeias em que viviam, nos arredores de Quelimane. “Descobertos” pelo arqto Eduardo de Lima Figueirinhas Correia (1922- ), aceitaram o convite e realizaram, com tinta corrente da construção civil, o fantástico painel que se pode admirar no último piso do Hotel Chuabo.

<sup>22</sup> Relativamente ao edifício da fábrica, AL.CB desenharam a cobertura geral, os escritórios, vestiários, cantina, etc., e os arranjos circundantes; quanto ao corpo principal, *limitaram-se a uma simples contribuição no desenvolvimento de um projecto já previamente elaborado* (carta de Abril de 1958).

zonas de recreio para adultos e crianças, complementavam este conjunto fabril, idealizado como um microcosmo onde as *4 funções*<sup>23</sup> se complementavam.

Simultaneamente, ao instalar-se em plena natureza, o projecto propunha que *as árvores e os jardins rodeassem a fábrica*, materializando, de alguma forma, a *fábrica verde* cuja apologia Losa tinha feito no Congresso de 48.

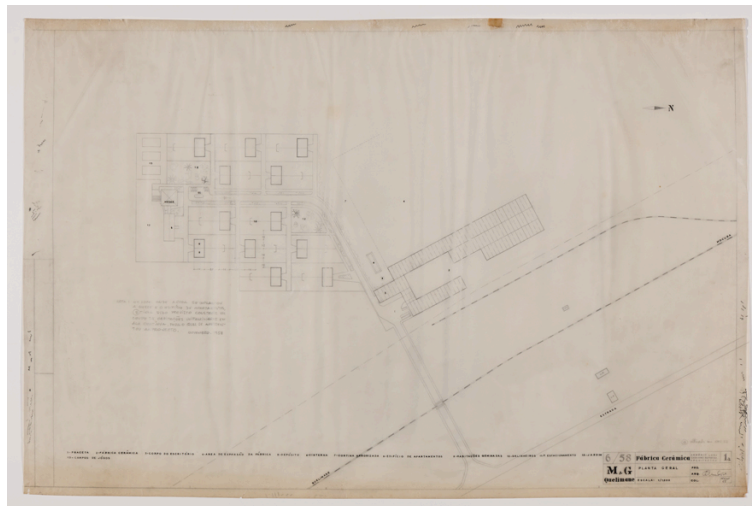


Fig. 6 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Fábrica *Monteiro&Giro*, Muirua, Quelimane, 1956-1958. Fábrica Cerâmica, Planta geral; Escala 1:1.000; ass., dat.: *Arménio Losa*, Março 58. Arquivo FAUP/CDUA/AL. Foto: Arménio Teixeira ©

Embora com uma encomenda do projecto mais tardia (1956) do que a do edifício Chuabo (1954), a premência da laboração da fábrica, tendo em vista o fornecimento de materiais para as respectivas obras, fez com que o desenho e a edificação deste núcleo avançasse em primeiro lugar.

---

<sup>23</sup> “Habitation”, “Loisir”, “Travail”, “Circulation”, cf. CIAM 4, 1933; Le Corbusier, *La Ville Fonctionnelle [La Charte d’Athènes]*, 1943.

As casas, geminadas, são volumes paralelepípedicos elevados sobre *pilotis* e rematados por uma cobertura de duas águas revestida a telha cerâmica<sup>24</sup>. Destinadas a famílias residentes, distribuem-se perpendicularmente ao caminho de distribuição, rodeadas por pequenos logradouros que os arquitectos insistiam em não encerrar para não perder o sentido vasto do conjunto.



Fig. 7 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Fábrica *Monteiro&Giro*, Muirua, Quelimane, 1956-1958. Foto: Ana Tostões.

---

<sup>24</sup> No pavimento térreo localizam-se as instalações dos empregados domésticos e a garagem, no piso superior a área de habitação principal, entregue aos destinatários totalmente equipada e mobilada segundo desenhos elaborados também no atelier. Destaca-se, nestes módulos, de volumetria e organização elementares (De facto, a organização destas habitações não mostra a subtileza espacial que se revela nos apartamentos do edifício Chuabo), a sofisticação - algo anacrónica - das escadas em betão que ligam os dois pisos, executadas segundo um recorte complexo e de difícil execução.



Um outro edifício, desenvolvido em banda contínua, alberga *apartamentos tipo hotel*, destinadas a visitantes e a técnicos não acompanhados por família. Implantado no alinhamento do corpo abobadado da *messe* e com ele articulado directamente por meio de uma passagem coberta - *um corredor aberto que une os dois edifícios num só conjunto arquitectónico* - conforma o remate do aglomerado, constituindo-se como o seu *ponto dominante e de convergência*.<sup>25</sup>

A *messe*, um belíssimo edifício do ponto de vista formal e construtivo, é definida por uma cobertura em abóbada, um cruzeiro apoiado nos seus quatro cunhais, delimitando uma superfície quadrada com cerca de 440m<sup>2</sup> e *funcionando como um grande guarda-sol de protecção*.<sup>26</sup>

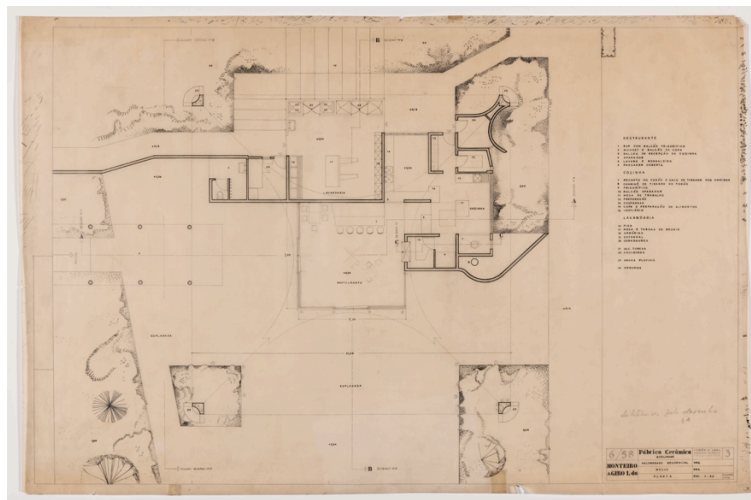


Fig. 8 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Fábrica *Monteiro&Giro*, Muirua, Quelimane, 1956-1958. Fábrica Cerâmica Quelimane, Aglomerado residencial, Messe, Planta; Escala 1:50; n/ass., dat.: Novembro 1958. Arquivo FAUP/CDUA/AL. Foto: Arménio Teixeira ©

<sup>25</sup> Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Memória Descritiva, Novembro 1958.

<sup>26</sup> Idem.

Sob o seu centro geométrico encontra-se a sala de restaurante e os serviços directos que ocupam também um quadrado, sugerido pelo tecto - uma estrela invertida, suspensa por quatro pontas - e envolvido por grandes caixilharias de correr que permitiam abrir o espaço para a esplanada exterior. De acordo com os arquitectos, a messe era *um edifício especial, caracterizado particularmente por uma cobertura abobadada que lhe confere volume e forma...*<sup>27</sup> Este espaço é percorrido por uma parede ondulante e revestida a cerâmica especial, produzida na fábrica, que separa a zona de serviços da área de refeições e se estende para além da área encerrável, contribuindo, em conjunto com o prolongamento do pavimento, *para aumentar a sensação de inexistência dos [seus] limites.*<sup>28</sup>



---

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> Idem.

Fig. 9 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Fábrica *Monteiro&Giro*, Muirua, Quelimane, 1956-1958. Foto: Maria Manuel Oliveira.

Ainda hoje, após décadas de abandono e em avançado estado de degradação, a messe é uma peça com uma presença extraordinária, a marca de uma modernidade que a história e paisagem africanas surpreendentemente conservaram.

#### **4. Sobre a construção e os construtores: a tectónica e a *circunstância***

As preocupações de ordem técnica e construtiva encontravam-se na ordem do dia e as dificuldades de natureza operacional associadas ao projecto M&G eram evidentes: como construir com esta ambição em circunstâncias de isolamento, ausência de mão-de-obra e materiais adequados?

Reconhecendo a necessidade de importar grande parte dos materiais, foi procurado retirar o maior proveito das matérias-primas que, existentes no local – como a madeira e a argila - poderiam aí ser manufacturadas e utilizadas<sup>29</sup>.

À descoberta dos depósitos de argila e conseqüente decisão de edificar uma fábrica de cerâmica como uma nova valência capaz de servir a construção, associou-se uma complexa gestão de planeamento das obras. O projecto de arquitectura deveria assim, para além das questões de ordem tectónica que lhe eram inerentes, incorporar esse tipo de preocupação nas soluções preconizadas<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> Esta pesquisa envolveu consultas várias relativas, nomeadamente, às madeiras disponíveis; após analisada e testada no Laboratório de Engenharia Civil, em Lisboa, a madeira de Jambir foi aplicada na construção (conforme entrevistas a arq. Figueirinhas e engº Ribeiro Costa - Janeiro e Abril de 2011).

<sup>30</sup> *De um modo geral procura tirar-se o melhor partido da utilização dos materiais cerâmicos que a Fábrica produzirá, mesmo na fase experimental e que se prestam a soluções de acabamento de alto valor qualitativo* (Memória Descritiva, Novembro de 1958). Esta articulação entre projecto e produção, permitiu soluções muito interessantes, como aquela que presidiu à execução de abóbadas autoportantes na

Ambos os projectos, para Quelimane e para Muirua, revelam o esforço de adequação ao clima quente e húmido da região da Zambézia através da adequação de soluções tradicionais, como as paredes perfuradas, que são utilizadas tanto no conjunto fabril como no quarteirão Chuabo; assumem-se, ainda, outros dispositivos para assegurar sombra e ventilação aos espaços interiores, adoptando, na transição para o exterior, varandas profundas e cobertas, assim como a aplicação de *brise-soleil*.

No pólo industrial, as opções de ordem construtiva, pensadas de forma a responder eficazmente às exigências do clima tropical, conduziram não só à elevação dos edifícios e à previsão de uma varanda envolvente à casa, coberta e substancialmente protegida por paredes em cerâmica vazada, como também ao aproveitamento do vão do telhado como caixa de ar ventilada. A implantação do aglomerado orienta-se norte-sul no sentido do controle da incidência solar e da captação das brisas dominantes e os edifícios, com particular destaque para a *messe*, exploram formalmente as características necessárias a um máximo sombreamento e ventilação.

Embora utilizando os materiais disponíveis localmente, o conjunto Chuabo exigiu um aparato técnico-construtivo de outra escala. Com uma área total de cerca de 22.000m<sup>2</sup>, estrutura em betão armado e trabalhos sofisticados nas múltiplas frentes edificatórias, recorreu sobretudo a mão-de-obra deslocada da metrópole. Com uma equipa residente de cerca de quarenta pessoas, incluía a direcção de obra – que contava com o arquitecto Figueirinhas Correia e com o engenheiro civil Ribeiro Costa, responsável por toda a gestão -, mestres e operários das várias artes. Esta equipa fez formação de artífices

---

messe num tipo de tijolo especial, também executado na fábrica (conforme entrevista a engº Ribeiro Costa).

locais, tendo tido uma importante acção na qualificação do sector construtivo em Quelimane.<sup>31</sup>

E se actualmente o núcleo da fábrica se encontra meio-abandonado e em lenta degradação, os blocos de habitação no edifício Chuabo em Quelimane, plenamente ocupados, estão profundamente atingidos pelos problemas que afectam toda a cidade, revelando infraestruturas em falência e falta de manutenção. O hotel continua no entanto em actividade e dispõe, ainda, de condições admiráveis em termos da integridade original dos seus espaços e mobiliário – pese embora o passar dos anos, que está a levar ao limite a sua capacidade material de resistir ao tempo e aos usos.<sup>32</sup>

## **5. a diáspora *transcontinental* Moderna**

O Complexo M&G em Quelimane deve, pois, ser entendido dentro do contexto africano, num processo de transformação mais abrangente que se revia no desejo e na possibilidade de trabalhar segundo uma orientação *verdadeira e progressista*, através da concretização de obras pioneiras e com grande significado urbano e social.

De facto, a linguagem do Movimento Moderno, trabalhada a partir do confronto entre considerações de ordem cultural e tecnológica revela, nesse compromisso, a medida em

---

<sup>31</sup> A execução do Complexo M&G prolongou-se até ao final da década de 60, dando origem a um enorme processo desenhado e escrito que confirma um método de trabalho de elevada competência, tanto por parte do projecto de arquitectura - rigoroso e totalmente detalhado, como era habitual do escritório AL.CB - como, também, de um notabilíssimo acompanhamento técnico da obra. Traduz, esta realização, uma formidável confiança nas virtualidades da arquitectura Moderna e na irrepreensível eficácia de um plano concebido com uma metódica racionalidade.

<sup>32</sup> Este manifesto Moderno – que mantém a aura de notabilidade arquitectónica que sempre lhe assistiu – encontra-se assim no limiar da sobrevivência, numa sociedade que não só não dispõe dos meios e instrumentos necessários ao seu reconhecimento e salvaguarda como, naturalmente, o olha com alguma suspeição, produto que é de uma ocupação colonial de presença e memória ainda recentes.

que a transposição dos modelos incorporou a tradição africana, encontrando novas sínteses. É também no sentido desta compreensão que o património arquitectónico africano filiado no Movimento Moderno começa a ser reconhecido pela crítica, estimulando a pesquisa e os estudo comparativos.<sup>33</sup>

Profundo desafio para a Arquitectura Moderna produzida neste período em África, revelou-se uma aventura paradoxal entre o reconhecimento da cultura autóctone e a convicção na aplicação de um modelo que, embora a ela estranho, se acreditava portador de uma *nova civilização*, a qual no presente mitigaria diferenças e, no futuro, garantiria o acesso de toda a população à universalizada *Utopia Moderna*.

\* Este artigo foi escrito no âmbito do projecto FCT de investigação em curso *EWV Exchanging World Visions: modern architecture in Lusophone Africa looking through Brazilian experience* (PTDC/AUR-AQI/103229/2008), desenvolvido por IST.UL-EA.UM, Portugal

---

<sup>33</sup> Entre outros, o trabalho de Maxwell Fry (1899-1987) e Jane Drew (1911-1996) na Universidade de Ibadan, na Nigéria (1956), a estadia de Ernst May (1886-1970) na Tanzânia e no Quênia (1934-1952)<sup>33</sup>, a obra de Rex Martensen (1905-1942) nos anos 30 em África do Sul, a contribuição de Denys Lasdun (1914-2001) para o avanço da tecnologia no Gana ou, ainda, a notável arquitectura de Vasco Vieira da Costa (1911-1982) em Angola - assim como, em Moçambique, a de Pancho Guedes (1942- ) que, com uma arquitectura que eloquentemente traduziu a sua interpretação da identidade cultural africana, escrevia que *buildings should belong to the people, architecture should become real and alive, and beauty should be warm and convulsive*. (*Architectural Review*, London, nº770, April 1961, pp.240-250) - são exemplos que fundamentam a investigação sobre os caminhos e identidade(s) da Arquitectura Moderna da África Subsaariana.

**Bibliografia:**

*Architectural Review*, London, nº770, April 1961

*Docomomo Journal*, Paris, n.28, March, 2003.

Fernandes, José Manuel, *Geração Africana; arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

Fry, Maxwell, *Tropical Architecture in the Humid Zone*, London: 1956.

Kultermann, Udo, *New Directions in Africa Architecture*, NY: 1969.

Losa, Arménio, “A arquitectura e as novas fábricas”, Tostões(ed.), *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Teses*, Lisboa: OA, 2008 [1948].

Mendes, Manuel, *O nosso escritório. 1945-1957*, Porto: 2008.

Nnamdi, Elleh, *African Architecture, evolution and transformation*, NY: 1997.

Olgyay, Victor, *Design with climate, Bioclimatic approach to architectural regionalism*, Princeton: 1963.

Segawa, Hugo; Dourado, Guilherme; Bratke, Oswaldo, *Oswaldo Arthur Bratke*. S. Paulo: PRO Editores, 1997.

Tostões, Ana, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Porto: FAUP, 1997.